Diálogo sobre a Curadoria: Um ideal futurista.

Rajni Bakshi*

Em 30 de janeiro de 2014 a Gateway House e o Ashram Sabarmati realizaram em conjunto um diálogo sobre a Curadoria, um ideal Gandhiano que teve muito pouca visibilidade na história recente. Um pequeno grupo de empresários, acadêmicos, filantropos e profissionais do terceiro setor se reuniram nesse dia dramático que marca o aniversário do assassinato de Mahatma Gandhi para explorar se e como a Curadoria é o fundamento de uma sociedade criativa que permite o bem estar de todos. Segue-se um breve relato:

A ênfase que Gandhi emprestava à Curadoria muitas vezes foi incorretamente compreendida como filantropia. É verdade que Gandhi estimulava os ricos a voluntariamente investir parte significativa de sua riqueza em causas sociais. Mas não é esse o motivo pelo qual Gandhi acreditava que a Curadoria algum dia surgiria com as soluções quando as fraquezas do capitalismo e do socialismo fossem mais amplamente reconhecidas.

Desde que Gandhi cunhou essa ideia pela primeira vez a Curadoria tem sido amplamente descartada como uma atitude exigente demais do ponto de vista ético, sem base nas realidades econômicas ou na natureza humana.

Ao contrário - a firme crença de Gandhi na Curadoria estava enraizada num raciocínio muito lógico.

O resultado mais significativo do diálogo mantido em 30 de janeiro passado em Ahmedabad foi um re-exame crítico dessa lógica, e diversas ideias sobre como a Curadoria pode ser a chave para tratar tanto da crescente crise de disparidade econômica como do problema ambiental.

Gandhi seguiu a seguinte linha de raciocínio: Nem todos são dotados das mesmas habilidades e do temperamento exigido para gerar riqueza. Já que os humanos são fundamentalmente seres éticos, segue-se que aqueles que têm a habilidade de gerar riqueza devem exercer esse dom para o bem maior - ao invés de colocarem seu foco estritamente em dinheiro e poder.

Assim, para Gandhi, a Curadoria era o elemento chave de uma sociedade construída em cima da não violência - tanto em termos da forma como o lucro é auferido como em termos de como é distribuída a riqueza gerada. Sua crença foi validada por evidências produzidas pelas experiências de redistribuição forçada da riqueza, por exemplo, nas revoluções russa e chinesa, que promoveram uma violência aterrorizante.

Mas o que dizer da violência inerente a muitos dos processos de produção de riqueza? Seja pela remuneração injusta dos trabalhadores, seja pelo dano causado ao meio ambiente, seja pela reengenharia. A resposta de Gandhi a esse problema era uma ferrenha "pureza dos meios" ou *sadham shudi*.

Como compreender a "pureza dos meios" hoje em dia? Este é um dos temas que emergiram no diálogo e que mereceriam mais estudo.

A premissa desse diálogo era que, embora estejamos buscando inspiração em Gandhi e sua articulação dos princípios essenciais da Curadoria, nossa busca se expande e não se limita aos escritos de Gandhi, podendo estar aberta a várias influências.

Em certa medida o básico da Curadoria está engastado no conceito de Dever Fiduciário, algo que repousa no cerne de qualquer sistema viável de comércio, pois se exige que aqueles que lidam com dinheiro ajam como curadores honestos e benevolentes, e não como agentes autocentrados.

O diálogo começou com vários participantes que compartilharam conhecimentos sobre como os vários aspectos da Curadoria estão manifestos na atualidade - tanto em empresas que cuidam dos meios utilizados para gerar lucro, quanto na vida diária de indivíduos e comunidades. Foi observado que muitas pessoas desejam mudanças no ecossistema empresarial e social para que possam se tornar melhores curadores, ao invés de participar de práticas corruptas.

Uma razão para isto é que nos vilarejos, quando as pessoas se envolvem na corrupção, isto pode trazer benefícios de curto prazo, mas constrói lealdades verticais e os coloca sob o poder de pessoas hierarquicamente superiores. Ao contrário, quando a comunidade se mobiliza coletivamente para lutar pela "pureza dos meios", isto cria lealdades horizontais que levam a um grande empoderamento de indivíduos e das próprias comunidades.

Muitos jovens querem fazer parte da solução dos problemas, mas não sabem como. Eles estão buscando pistas para descobrir como ir além das limitações do socialismo e do capitalismo.

Tais esforços indicam que nem todos têm um preço. Observou-se que Adam Smith escreveu sobre a importância de um espectador imparcial imaginário, de quem todos nós desejamos obter admiração e aprovação. Estabeleceu-se um paralelo entre esse espectador imparcial que se torna nosso guia ético e as referências frequentes de Gandhi àquela "pequena voz interior".

Contudo, quase todos os participantes foram enfáticos em afirmar que os esforços para cultivar a Curadoria não deveriam ficar engessados pela busca de uma sociedade perfeita - pois isto em geral leva ao dogmatismo. É muito mais importante focar na lógica das motivações humanas. A ganância nasce do medo da pobreza e da privação. Uma forma de combatê-la seria a combinação de estruturas sociais e mentalidade social que fortalecessem a abundância e celebrassem a "suficiência" ou o "essencial".

Então, o combate ao consumo desenfreado não seria feito por leis que restringem as compras. As pessoas voluntariamente escolheriam formas positivas de contenção. É claro que isto exige introspecção constante e trabalho sobre si, que muitos participantes consideraram pré-requisito não apenas para ser um bom curador, mas para ter uma boa vida.

Alguns participantes sentiram que este processo pode ser ajudado pela criação de indicadores empíricos, práticos, para a Curadoria no âmbito do comércio. Outros alertaram para o fato de que indicadores desse tipo levariam a uma visão mais mecanicista da Curadoria assim minando a importância do espírito ou *bhava*.

Todos foram unânimes quanto à necessidade de nós, cidadãos, nos engajarmos ativamente em ser melhores curadores do Estado, ao invés de desistir dele e agir como espectadores desinteressados. Por exemplo, uma estrutura de direitos é importante para a democracia, mas se a adjudicação de direitos está desvinculada de uma estrutura de responsabilidades, o resultado seria mais dependência e menos empoderamento.

Houve concordância geral de que a Curadoria é um assunto complexo que exige estudo intenso por longo período. Este diálogo foi visto como primeiro passo para mapear algumas áreas chave desse estudo em termos de pesquisa, debate público e talvez mudanças em políticas públicas.

Há necessidade de estudos de caso no âmbito dos negócios e outros contextos sociais onde alguma forma de Curadoria vem sendo desenvolvida. Contudo, a premissa é abrir-se para a ideia mesma de Curadoria, de modo a levar em conta novas formas de propriedade e colaboração que se tornaram possíveis pelos avanços tecnológicos. Ao mesmo tempo, essas energias precisarão lutar com a realidade global de que os Direitos de Propriedade Intelectual se encaminham para uma maior privatização do conhecimento e concentração de poder. Nesse contexto, qual seria o papel de empreendedores capitalistas que trouxessem "capital solidário" ao mercado?

Criar um vocabulário dinâmico para a curadoria é uma tarefa chave para o progresso desta ideia.

Para publicar este artigo, é preciso pedir permissão para Reetika Joshi em outreach@gatewayhouse.in